



Publicações Periódicas
Pode abrir-se por subscrição postal. Autorizada a circular fechada. DE21302022CSB2B/jan



Gaiato

18 de Outubro de 2025 • Ano LXXXII • N.º 2129
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

138º aniversário

QUANDO vemos nos meios de comunicação social o modo como nascem algumas crianças no nosso país, ficamos atónitos e sem palavras. Quando existem as melhores condições para nascerem, e isso acontece em situações de improviso, do que podem resultar grandes males para a mãe e o filho, vejo isto como um sinal de desprezo pela vida.

Vem este desabafo a propósito do aniversário de nascimento de Pai Américo, do qual celebramos 138 anos de tão querido acontecimento, a 23 de Outubro.

No seu tempo, o nascer e o morrer aconteciam no seio da família, para o que procurava, certamente, o melhor aconchego e acompanhamento. A falta de condições provocaria muitos acidentes, mas se eles acontecem hoje maior é a responsabilidade humana.

Nascer num estábulo não é local desejado para tal acontecimento, mas foi sinal de compaixão para com os Pobres que nasciam em condições precárias. Jesus teve o amor extremo de Sua Mãe e de Seu Pai adoptivo e dos outros Pobres convocados a se alegrarem com o Seu nascimento.

O nascimento de um ser humano é sempre um hino à vida, mesmo que aconteça num lugar de morte provocada pelos homens; é um acontecimento com que todos se deveriam alegrar. Notamos essa alegria nos bombeiros que, ao levarem as mães para darem à luz num hospital, têm a surpresa de verem nascer as crianças na sua ambulância, chamados assim a tomar parte neste momento comum, mas irrepetível.

O futuro de cada criança que nasce é singular. «Quem virá a

Continua na página 4



Casa onde nasceu Pai Américo, Casa do Bairro de Galegos.

MALANJE

O Bento veio buscar-me cedo para visitar as casas dos idosos. Tratava-se de um Lar construído há mais de dez anos para acolher avós abandonados. Cada habitação tinha dois quartos e uma casa de banho. A paróquia, juntamente com várias

organizações, dedicava-se a apoiá-los sobretudo na alimentação e na medicação. Era, de facto, um pedaço de céu para aqueles que já não tinham família ou haviam sido deixados para trás.

Quando chegámos, encontramos uma senhora idosa que saía para pedir na rua, dizendo que a fome era demasiada. A maior parte deles sai

a pedir pelo bairro e, quando recebem alguma coisa, partilham com aqueles que já nem se conseguem mover. As instituições do Estado afirmam não ter condições para ajudar, e a Cáritas, por vezes, oferece algum apoio no início do mês. Aproximaram-se rapidamente e o Bento — antigo sacerdote e fundador do projecto — apresentou-me como o Padre do Gaiato. Fui logo cumprimentado, e muitos perguntaram pelo Padre Telmo. O coração começou a chorar. A história repete-se: são sempre as crianças, os idosos e os doentes os primeiros a sofrer a violência da pobreza.

Ali encontramos também algumas crianças abandonadas com os seus avós, porque a família as havia rejeitado. Algumas tinham deficiências físicas e psíquicas, o que me fez recordar o nosso lar para crianças. Saí de lá com a promessa de lhes levar algo para comer, pois tinha ido de mãos vazias — algo que nunca se deve fazer quando se vai à casa de um pobre.

No regresso, o catequista que havia ajudado o padre a construir aquele lar confidenciou o seu receio de que, ao morrer, Deus lhe pudesse perguntar: “Porque construíste um lar para os idosos se agora eles passam fome?”. Os Padres da Rua devem sair ao encontro dos pobres e desamparados — e hoje eu fiz isso. A malária de que me encontra-

PÃO DE VIDA

De como o Américo Monteiro de Aguiar entrou no Seminário de Coimbra

NO itinerário biográfico de Américo Monteiro de Aguiar [1887†1956], eis-nos chegados a outros momentos chave da sua vida, na procura do seu lugar na Igreja Católica. Tendo saído do Convento de Vilariño de la Ramallosa a 6 de Agosto de 1925, continuou com muita perseverança no *Caminho da Luz*; porém, até dar entrada no Seminário de Coimbra, ainda passou por algum tempo de provação, como confirmam testemunhos disponíveis.

Para esclarecer esses momentos de *deserto*, mas com confiança no Bom Pastor, transcrevemos informações credíveis de António Moreira da Rocha, de S. Miguel de Paredes – Penafiel, que o encontrou e acompanhou nessa Paróquia no Verão de 1925, vindo

de Vilariño, pois Américo de Aguiar tinha-se recolhido em casa do seu irmão Padre José de Aguiar. De facto, Moreira da Rocha estava de férias na sua terra e mais tarde recordou esse tempo difícil para o seu amigo: «[...] Eu havia terminado então o primeiro ano de Filosofia [no Seminário do Porto]. Após ligeiros contactos a princípio, sucederam-se quase três [dois] meses de íntimo e permanente convívio, vividos diariamente em demorados passeios, através dos campos e montes da nossa *formosa terra*; entretidos por vezes em amena conversa, ora discreitando acerca dos problemas mais sérios da vida – falando de Deus e dos homens. Alegrou-me verificar em todas as suas palavras e atitudes a confirmação daquele elevado

conceito, que se me havia formado na mente *de auditu*, por via indirecta, acerca do seu excepcional valor humano; edificava-me a sua inabalável confiança em Deus e a esperança firme de que tudo Ele havia de encaminhar o melhor possível para a realização do seu ideal sacerdotal. Durante este tempo, fui testemunha de que antigos companheiros e amigos de África lhe batiam à porta no intuito de o convencerem a regressar a Moçambique. Partiam pesarosos por não conseguirem demovê-lo do seu propósito. Debalde também empresas inglesas e alemãs, estabelecidas em Moçambique, teimavam em propor-lhe privilegiada situação económica. Muito mais tarde, tive conhecimento de que durante esses três [dois] meses,

escondidamente, ia visitar com frequência uma velhinha cancerosa e um ancião asmático, confortando-os com as suas palavras e esmolas. Contaram-me que tendo sabido estar o pobre Antero *do Cruzeiro* desprovido de roupa para se embrulhar de noite, pois não conseguia dormir por causa da asma que o afligia, fora dar-lhe, muito em segredo, um pano de alto preço, trazido de África noutros tempos. [...]» [Penafiel, N.º 1, 1972, p. 40-41]. Como se verifica, não esmoreceu nele a virtude da Caridade!

Da sua pena, há uma carta para o seu amigo Simão Correia Neves, de 11 de Setembro de 1925, remetida de S. Miguel de Paredes – *Correio da Calçada* [em Oldrões], em que se confirmam as tentativas para o dissuadir da vida eclesial. Ora vejamos: «[...] Álvaro e quejandos têm vindo aqui fazer tudo para me demoverem dos meus intentos, mas as raízes estão muito fundas e tenho a certeza de que Deus me não larga porque o procurei

Continua na página 4

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

O NOSSO MANUEL PINTO

Vai deixar muitas saudades, o nosso mais velho e amigo Sr. Manuel Pinto uma referência de várias gerações ao longo destes mais de 60 anos ao serviço da Obra.

Deixou-nos no dia 7 de Outubro com seus lindos 96 anos, grande obreiro com letra grande.

Era o Gaiato mais antigo neste momento da geração que eu conheço dos convívios.

Trabalhou na expedição d'O GAIATO, como secretário da Casa e em muitas outras actividades.

Depois de reformado não deixou de colaborar no escritório, era a sua paixão.

Na pandemia esteve retido em casa, foi um pesadelo, desabafava quando ia a casa dele para lhe cortar o cabelo, quando me pedia.

Na hora da despedida estiveram muitos amigos e familiares. As nossas sinceras condolências à Família e que descanse na Paz de Deus.

Jorge Alvor

Manuel Pinto

— um exemplo de vida e dedicação à Obra do Padre Américo

Faleceu o Manuel Pinto, natural de Rio de Moinhos – Penafiel, com 96 anos de idade. Homem de coração generoso e espírito firme, foi um verdadeiro exemplo de entrega e missão dentro da Casa do Gaiato, instituição à qual dedicou grande parte da sua vida.

Manuel Pinto foi um dos raros casos de alguém, ainda pequenino, que se “ofereceu” para ser gaiato — deslocando-se, por iniciativa própria, até Pai Américo, movido pela fé, pela esperança e pelo desejo de fazer parte da grande Obra. Enfrentou as dificuldades e incertezas do caminho, mas encontrou ali o seu lar e a sua vocação: servir e ajudar os outros.

Mesmo em idade avançada, continuava presente na Casa do Gaiato, onde se sentia verdadeiramente em casa. A sua presença era marcante e deixava sempre um rasto de humildade e afecto. Quem com ele privava, mesmo os mais novos, via nele um irmão mais velho, um amigo, um exemplo vivo do que significa ser gaiato.

Ver o velhinho ainda a caminhar em direcção ao trabalho era algo que tocava o coração.

Com a partida de Manuel Pinto, a Casa do Gaiato perde um dos seus rostos mais inspiradores, mas o seu exemplo permanecerá vivo na memória e no coração de todos os que o conheceram.

Dimas

BEIRE – Flash's

O cu-curru-huhu... das rolinhas

O Outono está a começar. Saio do quarto e vejo o sol a espreguiçar-se, lá por detrás do Sameiro, de Penafiel. Já anda a beijar as cristas mais altas dos cedros e das carvalhas onde o Calvário é. E, porque é domingo de manhã, acolho esta «oportunidade» que nos é dada para **parar**-nos de nossas correrias diárias. Parto à descoberta das maravilhas que o nosso Criador, em cada manhã, tem para nos **revelar**¹.

1. A experiência, daquela manhã... Já bem acordado para a beleza que se me entrega assim **por fora**, fecho os olhos para **descobrir** outras tantas maravilhas que, no meu **por dentro**, também me vão sendo reveladas. Ouço aquele **cucurruhu**, sempre igual e sempre novo, das nossas rolinhas brancas. Que, de três que vieram, já vão em oito. E um ninho cheio de ovinhos à espera do momento de **partir a casca**... Para que se nos vá reve-

lando, ao vivo, o insondável **mistério da vida**. Mistério já **sugerido** pelo ‘divino mestre’: «Eu vim para que **tudo** tenha vida e vida em abundância». Fico-me a ruminar. Vejo e ouço este naipe da ‘orquestra de Deus’ a tocar para mim – **cucurruuu! huhuhuhu!**...

Deixo-me a ruminar na misteriosa realidade que dá pelo nome de «vida» – **zoé, biós, psique, anima, ruah**...² Ouço Jesus a anunciar a Sua **Boa Nova**. A ser seguido e a ser rejeitado. Ontem e hoje. Tento ver-me onde estou eu – na minha verdade real, comigo e com Ele. Muitas contradições. Mas sempre em busca de «mais vida e vida em abundância». Na certeza de que **isto** não se pode ensinar a ninguém. Mas pode aprender-se. Por ensaio e erro. Naquele vai-vem do ouvir-se por fora e por dentro, ouvir os outros, partilhar-se com quem também anda em busca. E dou graças porque ainda não perdi o rumo – **a Casa do Pai**...

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

CENTENÁRIO DA ENTRADA DE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR NO SEMINÁRIO DE COIMBRA – Conforme foi amplamente anunciado e divulgado, a celebração do 1.º Centenário da admissão de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário da Sagrada Família de Coimbra teve lugar no **coração** da Diocese de Coimbra, no dia 4 de Outubro, sábado, em ambiente de muita comunhão e alegria! O acolhimento deu-se pelas 10 horas, nos belos espaços exteriores do Seminário de Coimbra.

Este evento eclesial aconteceu no salão de S. Tomás, com a presença de muitos **devotos**: Gaiatos – **filhos** da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, em Portugal (e lembrando os de África) – das Casas do Gaiato (Miranda do Corvo, Lar de Coimbra, Paço de Sousa e Setúbal) e do Calvário, de vários Padres da Obra da Rua e outros sacerdotes, antigos gaiatos, colaboradores e amigos. Com breve participação musical timorense, foram então escutadas com viva atenção e interesse duas brilhantes conferências sobre o Venerável Padre Américo, por parte do Padre Doutor Jorge Cunha e do Padre Doutor João Pedro Bizarro, docentes da Universidade Católica Portuguesa, na Faculdade de Teologia e no Instituto Superior de Direito Canónico. O Padre Jorge Cunha salientou que o percurso biográfico do Padre Américo precisa de um estudo teológico aprofundado, ainda por fazer e que vá ao **nervo** da sua vida de virtudes; enquanto o Padre João Pedro Bizarro esclareceu bem o momento actual da Causa de

Beatificação: a necessidade de um milagre, devidamente comprovado.

O ponto alto do dia foi a solene Eucaristia, pelas 12h 30, presidida pelo senhor Bispo de Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes, bem animada pelo coro musical da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Na sua homilia, sublinhou que Pai Américo foi ao encontro das necessidades das pessoas mais fragilizadas como um profeta, procurando ajudar a resolver as suas dificuldades (pão, casa, saúde, etc.); e manifestou o grande desejo que o Padre Américo seja beatificado. No final da Missa, o Padre Júlio referiu a falta de pais, neste tempo; e foi rezada a oração para a Beatificação do Venerável Padre Américo.

O almoço, partilhado, nos jardins do Seminário Maior de Coimbra, foi um **são convívio** entre todas as pessoas que tiveram possibilidade de se deslocar a Coimbra para celebrar um dia tão significativo da vida de Pai Américo. Foi assim recordada com muito júbilo e gratidão a entrada de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra,

a 3 de Outubro de 1925. A celebração deste Centenário teve de acontecer no dia da memória de S. Francisco de Assis, santo da especial devoção de Pai Américo. Agradecemos muito a presença do senhor Bispo de Coimbra e dos oradores amigos, bem como a colaboração do Seminário de Coimbra. Foi um dia muito feliz para muitos gaiatos, **devotos** e amigos, cem anos depois da entrada de Américo Monteiro de Aguiar! **Coimbra teve, assim, mais encanto na hora da despedida**...

PARTILHAS E CONTACTOS – Na última quinzena, em que ocorreu o Centenário da admissão de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra, agradecemos as ajudas que foram confiadas à nossa Casa. Bem-hajam! Urge intensificar a oração para a sua Beatificação, divulgar a sua vida e Obra, e angariar assinantes do nosso jornal **O GAIATO**, com o Boletim AMA. A nossa morada e os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo – Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, 15, 3220-034 Miranda do Corvo, telefone – 239 532 125; correio electrónico – **gaiatomiranda@gmail.com**

Rapazes de Miranda

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«QUANDO ORARDES, DIZEI: “PAI NOSSO, QUE ESTAIS NOS CÉUS, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME”» (MT 6,9) — Ao olhar para o que vai sendo a actividade regular da nossa Conferência, não sei porquê, veio-me à ideia a oração do Pai Nosso que Jesus propôs aos seus discípulos quando eles Lhe pediram para os ensinar a rezar.

Em tantas vezes que rezamos o Pai Nosso, não sei se alguma vez nos perguntamos por que é que começa assim esta oração, “Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o Vosso nome”, antes da parte em que pedimos a Deus o pão nosso de cada dia?

Talvez seja porque o que Deus mais quer de nós é que o que fizermos todos os dias, por mais modestos que possam ser os nossos actos, deva ser para santificar o Seu nome, ou seja, para construir o Seu Reino. Do que nós precisarmos para a nossa subsistência, Deus já sabe e cuidará disso, mesmo que tal não nos possa parecer.

O que é que isto tem que ver com a actividade regular da nossa Conferência e das outras 48000 que existem espalhadas por 155 países? Se formos aos registos do que temos feito ao longo dos últimos meses vemos que ajudamos nas despesas de mercearia as pessoas A, B, C e D, ajudamos nas despesas com medicamentos as pessoas E, F, G e H, deixamos de providenciar estas ajudas a quem já não precisa delas, acudimos a conflitos entre moradores em casas do Património dos Pobres e alguns vizinhos, fizemos um inventário de necessidades de reparação de telhados em casas também do Património dos Pobres e vimos que não chegamos 60000€ para cuidar de todas, recolhemos mobílias doadas e distribuimo-las a quem delas estava a precisar, visitamos e falamos com as famílias X e Y que estamos a acompanhar e mais um rol de outros actos que, sendo modestos, foram os que, no correr dos dias, nos foram surgindo como estando ao nosso alcance realizar para que as pessoas envolvidas pudessem viver um pouco melhor.

Não nos cabe a nós julgar a bondade do que vamos assim fazendo, mas isso também não nos impede de pensar que deve ser por aqui que Deus quer que sigamos para santificar o Seu nome todos os dias, ou seja, ajudar a construir aqui e agora um bocadinho, mesmo que muito pequenino, do seu Reino.

Os nossos contactos (**só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal**)

Conferência Vicentina de Paço de Sousa
A/C Jornal “O Gaiato”
Largo da Casa do Gaiato, 94 — 4560-378 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: **carvalho.mendes@sapo.pt**

Continua na página 3

Américo Mendes

Centenário da Matrícula do P. Américo no Seminário de Coimbra (1925-2025)

Caridade, acção e lucidez na obra do P. Américo Monteiro de Aguiar

SAÚDO todos os presentes, sobretudo D. Virgílio e os Sacerdotes da Obra da Rua.

Tenho o maior gosto em me associar a este momento celebrativo. Considero sinceramente a vida do Padre Américo um exemplo de santidade. Este é o fundo da minha intervenção.

O meu conhecimento do P. Américo vem de duas fontes, A primeira é uma frequência, bastante irregular, das obras escritas, cuja leitura sempre me causa a maior impressão e emoção. A segunda é a de ter tido o gosto de presidir ao tribunal que escutou os depoimentos de tantas pessoas, por ocasião da fase diocesana do Porto, da causa de canonização sobre a qual também ouviremos falar hoje.

1. Alguns elementos sobre a biografia do P. Américo

A biografia do P. Américo sempre me intrigou pela sua originalidade. Tomei contacto com os relatos das pessoas que ouvi no tempo que vos falei, fiz parte do júri que avaliou um trabalho de doutoramento sobre ele na FLUP, consultei ocasionalmente alguns dos estudos sobre o pensamento pedagógico dele. Sempre senti que há uma dificuldade em dar conta do mistério da personagem. Com efeito, parece-me que as tentativas de iluminação da figura pelas circunstâncias históricas em que viveu, dos dotes pessoais da personalidade, das condições do nosso país durante a sua vida apenas explicam parte do mistério da sua vida.

Dou-vos o exemplo da sua passagem pelo Seminário de Coimbra e das dificuldades que ele refere



sobre a frequência do curso teológico. E não me refiro à "gata" que teve a canto gregoriano. Refiro-me principalmente à outra expressão em que confessa que o deixaram passar no curso "por misericórdia". Como se explicam estas dificuldades? Uns dirão que essas dificuldades se referem à sua memória já afectada pela sua idade. Não me parece que se deve ir

por aí. Ele dá mostras de uma inteligência fulgurante nos seus escritos, dá mostras de ter uma afinidade imediata com o texto bíblico, consegue fazer boa literatura com os elencos de contas dos donativos que lhe chegaram na semana a que se referem os textos. Quem me dera que os meus alunos de teologia me escrevessem textos tão luminosos, tão concisos, tão vívidos. Mesmo aqueles que classifico com altas notas na Faculdade. De onde vem, pois, o problema?

Dando uma resposta provisória, direi que o problema não estava no estudante, mas estava nos estudos que lhe ministraram e que eram devedores de uma forma de colocar as questões teológicas que deixa muito a desejar à função iluminante da teologia, naqueles tempos de pretensa fidelidade neo-escolástica à boa tradição do conteúdo da fé. Que me perdoe o Seminário em que nos encontramos.

A mesma coisa se pode dizer do fracasso da sua tentativa de se fazer frade franciscano. Como é possível que um homem com traços tão parecidos com o Pobre de Assis não tenha encontrado lugar na Ordem? Certamente, o problema estava na Ordem e não no candidato a frade!

Não falo já da história da sua vocação e do progressivo crescimento da sua obra assistencial. A história da sua vocação, que ele conta com a alusão um tanto brutal a uma "martelada" que o atingiu ou a sua nomeação para a sopa dos pobres, por não servir para mais nada ou por estar doente. A explicação está muito a montante de tudo isso.

Em todos os estudos que vi, há muitas coisas valiosas e há investimentos que honram os seus autores. Porém, no meu modesto entender, apenas um estudo teológico pode aproximar-se de uma compreensão global da sua personalidade e das coisas da sua história pessoal. Ele não instituiu a obra porque havia muitos pobres no Portugal do Estado Novo, não foi para padre porque havia falta de vocações, não foi santo porque era um homem edificante. Foi muito mais do que isso.

Vou então alinhar duas ou três ideias, como forma de prólogo a um estudo teológico da vida e obra do P. Américo.

2. Um caminho para compreender

Há dois caminhos para pensar teologicamente as coisas da fé.

Um é o caminho da observação daquilo que é visível. Este o caminho de uma fenomenologia intencional, que visa um objecto, que apreende com os olhos, o descreve na sua configuração, no seu desenrolar, das suas leis constantes, dos seus fins e por aí adiante. Reparem que isso é o caminho da ciência comum, mas é também o modo como tem funcionado a exegese histórico-crítica, a história da Igreja, a teologia dogmática, a teologia moral, a liturgia. Alguns dizem que Tomás de Aquino também procedia assim, mas confesso que tenho algumas dúvidas. Por esta via, chega-se a esclarecer um fenómeno, como a bio-

Continua na página 4

BEIRE – Flash's

Continuação da página 2

lo muitas das minhas experiências vivenciadas lá longe e que, agora, se me descongelam e voltam a ter mais vida – lidas a esta nova luz...

Sonho com uma *cultura menos inculta* do que aquela em que nasci. Mas de que, graças à mão libertadora de uma *Igreja dos Pobres*, comecei a tomar consciência dos perigos que me habitavam. Porque "moldado" pelo destruidor «pobre não tem querer» e/ou «quem nasce para cinco não chega a dez», porque «é o destino da pessoa». E, pior ainda, aquela de que essa «é a vontade de Deus» a nosso respeito – como se pudesse haver um Deus «só para os ricos» e que não seja «mais vida e vida em abundância». Para todos, todos, todos... Ai quanto me sinto grato a todos esses «anjos da guarda» que me foram libertando do inferno da ignorância...

De um "saber cognitivo", fui passando àquele «saber de experiências feito», que se nos entranha até já fazer parte do nosso *Agir Essencial*. E foi assim que aprendi que, por nascimento, todos estamos talhados para aprender a «alargar os nossos campos de consciência». A nível individual e comunitário. Também num Calvário – *pala-vra nova*.

3. Um "Calvário" não pode parar de... Muito perto dos meus 80, quando me julgava já «fora de combate», vejo-me chamado a *dar uma ajuda* aqui no Calvário, numa emergência ocasional. Mal sabia eu que esse meu «sim» (*apressado?*) iria virar na maior ajuda que alguém pode receber – uma *Comunidade*, onde se reza, se ri e se sonham 'caminhos não andados'. Porque, com doentes e rapazes deste tipo, se não se reza, se não se ri e não se sonha com «mais vida e vida em abundância», para este mundo de hoje, aqui e agora, não há «hormonas da felicidade» que resistam. Porque sempre cairemos na «vulgaridade das instituições semelhantes». Precisamos do «sopro divino» desse «Ruah» que sempre nos puxa para diante – de cara alegre e coração agradecido. Sem a dependência de 'orçamentos de Estado'.

Todos somos chamados a buscar 'novos horizontes' de

ser-Calvário. Sem perdermos o *Eixo do Essencial* que nos foi legado. Não há 'manual de instruções'. Há que arriscar. Fazer-nos ao largo – *duc in altum*...

Como o sol que, em cada manhã, mesmo que o espetador esteja a dormir, não deixa de lhe oferecer o seu espetáculo...

1. Revelar é... acender uma vela que faça alguma luz sobre uma realidade que nos parece 'misteriosa'...

2. Na Bíblia, este Ruah fez com que o nada inicial (o caos!) virasse superabundância de vida – sempre em evolução até um «reino de Deus» / uma «Casa Comum da Humanidade» em que ninguém fique de fora...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

PAÇO DE SOUSA

CENTENÁRIO DA ENTRADA DE PAI AMÉRICO NO SEMINÁRIO – Fomos a Coimbra, no passado dia 4 de Outubro, para participarmos na celebração tão importante na vida de Pai Américo, como foi o da sua entrada no Seminário Maior de Coimbra, em 3 de Outubro de 1925. Foi com profunda alegria, certamente, que viu abrirem-se-lhe as portas do Seminário, passados 2 ou 3 meses de ver recusado o seu desejo de tal acontecer no Seminário Maior do Porto. Um começo de algo importante e novo na nossa vida tem mais plenitude se acontece num lugar novo: «Vinho novo em odres novos».

PAVÕES – Como prometemos no último número d'O GAIATO, damos notícia do nascimento de dois pavõezinhos no nosso viveiro, que agora vão piando atrás da sua mãe. Mais parecem uns pintos, mas com o crescimento irá tornar-se mais visível a sua espécie. Serão machos ou fêmeas? Não sabemos, o tempo o dirá.

FOLHAS – Começaram a cair das nossas árvores em grande quantidade. São carradas que vão enchendo a nossa estrumeira da vacaria, e aumentando o estrume do qual as terras beneficiarão. Trabalho não falta. As folhas não dão tréguas.

Repórter X



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7800

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5
NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

em espírito de muita sinceridade.[...]» [O Gaiato, N.º 426, 9 Julho 1960, p. 1]. Diria como o salmista: «O Senhor está sempre na minha presença, com ele a meu lado não vacilarei.» [Sl 15, 8]. No início desta mesma missiva, revela a possível transição para um Seminário diocesano e dá indicações sobre as suas poupanças, pois o seu amigo Simão trabalhava na casa bancária *Blandy Brothers*, no Funchal – Madeira [por onde Américo passou em 1923, vindo de Lourenço Marques]. Diz assim: «[...] Sobre esse pecúlio que aí tenho, como venho fazer os estudos cá fora à minha custa, tornaram-me a dar um cheque que em tempos passei no Convento e veja você se pode creditar 4%, porque de tudo preciso pela razão de que muito dei a indigentes, do que aliás não estou nada arrependido e conto dar ainda muito mais, sobretudo se me ordenar Sacerdote secular. [...]» [ibidem].

Neste tempo estival e de incerteza vocacional, Américo de Aguiar tencionava ingressar no Seminário do Porto, alegando a questão dos estudos, como escreveu numa carta a Simão Neves:«[...] Quem me dera. Meu caro Simão que estas minhas palavras calem na sua alma e quando vier ao continente falaremos com mais vagar, pois eu vou fazer os meus estudos no Seminário do Porto, para fugir ao Grego e Hebraico a que me obrigam as constituições monásticas.» [O Gaiato, N.º 425, 25 Junho 1960, p. 2].

A tentativa de ser admitido no Seminário do Porto justificava-se, sendo o Seminário da sua Diocese. Porém, tal não veio a acontecer, pois foi indeferido o seu pedido para entrar no Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, no Porto. Era Reitor do Seminário da Sé, nesse tempo, o Cônego Dr. António Ferreira Pinto [1871†1949]. A razão principal para a não admissão de Américo de Aguiar, já indicada, teve a ver com a sua idade – 37 anos. Era Bispo do Porto D. António Barbosa Leão [1860†1929], oriundo de Parada de Todeia, no concelho de Paredes, vizinha de Paço de Sousa. Mais tarde, Américo de Aguiar referiu-se ao caso, nestes termos: «[...] o senhor Bispo de Coimbra, Dr. Coelho da Silva, naquele dia [28 de Julho de 1929] e num grupo de dez, ordenou um que viria a ser o primeiro *padre da rua*. foi ele, porquanto o seu contemporâneo do Porto, a quem o mesmo se tinha antes dirigido, disse-lhe na cara que *não*. É tarde. Não era tarde nem cedo; era a hora. Mas ele não sabia, tão pouco o repudiado. Nós não sabemos nada. As vistas de Deus Eterno acerca de cada homem, não podem ser julgadas nem apreciadas pelos homens. Quem havia de dizer que, sendo *tarde*, o mal acolhido no Porto, anos depois havia de trazer e plantar no coração da própria cidade as grandes emoções do inédito. Quem havia de dizer, outra vez, que, mesmo rente à sepultura aonde jaz o saudoso Príncipe da Igreja, se haviam de erguer cinco monumentos de pedra e cal, que o tempo vai consagrar à memória do refogado.

[...] Humildade e verdade são do mesmo ventre. Uma sem a outra não anda. Não era tarde, torno a dizer. Era a hora. Quando Deus chama, não vale a pena recalcitrar. [...]» [O Gaiato, N.º 288, 12 Março 1955, p. 1].

Contudo, à terceira foi de vez, pois Américo de Aguiar não desistiu! O seu amigo Moreira da Rocha também testemunhou essas dificuldades, depois ultrapassadas: «[...] Em dada altura, foi com muita mágoa que me falou de terem sido infrutíferas as diligências efectuadas para entrar no Seminário do Porto. Passado pouco tempo, veio comunicar-me, exultante de alegria, que se lhe abriam as portas do Seminário de Coimbra. [...]» [Penafiel, N.º 1, 1972, p. 41-42]. O Bispo de Coimbra era D. Manuel Luís Coelho da Silva [1859†1936], natural de S. Miguel de Bustelo, no concelho de Penafiel, pelo que facilitou a aproximação a um sábio Prelado, que não era de facilidades. Como fomos comprovando, foi muito difícil Américo de Aguiar chegar à porta do Seminário da Sagrada Família de Coimbra, perto dos 38 anos. Mas, foi na *hora* escolhida por Deus – 3 de Outubro de 1925, véspera da memória de S. Francisco de Assis, santo predilecto e a que se referiu amiúde.

Da entrada de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário Episcopal de Coimbra, fundado pelo Bispo D. Miguel da Anunciação, e dos seus primeiros momentos no coração da Diocese de Coimbra, careamos mais notícias, neste Centenário feliz, celebrado com muita gratidão e júbilo!

Padre Manuel Mendes

Centenário da Matrícula do P. Américo no Seminário de Coimbra (1925-2025)

Continuação da página 3

grafia do P. Américo, de uma forma científica. Também se pode pensar a cristologia por este caminho e concluir sobre a existência histórica de Jesus, sobre o seu programa de pregação, o seu propósito de fundar a Igreja e de fundamentar uma nova moral. Desculpem-me que vos diga que me lembro de uma afirmação de um teólogo que afirmava que para realizar a redenção do mundo, Jesus não necessitava de saber o que se estava a passar consigo mesmo! Achei isso absurdo. Mas, nesse tempo, não tinha meios teóricos para rebater a ideia.

Outro é o caminho da escuta do rumor da vida que se vive no sujeito. Reparem que por este caminho, conhecer não significa observar o que está

diante de nós, de observar o mundo, mas sintonizar com a moção da vida que transporta todos os viventes e que os dá a si mesmos como viventes e justifica as suas acções e os seus pensamentos. Este caminho da imanência começa mesmo por desconfiar radicalmente de todos os factos que nos parecem acontecer, para remontar a uma origem imemorial que dá ao sujeito a sua experiência de vivente, a sua subjectividade actuante, a sua exposição à felicidade do frente a frente com Deus. Este caminho é muito próximo da verdadeira experiência mística e é muito mais exigente do ponto de vista do estudo e da feitura da teologia. O fenómeno que se trata de estudar não está para lá de uma consciência intencional, mas para aquém dela e antecedente a ela. Este caminho é muito

mais fecundo para a teologia e muito mais difícil de explicar pedagogicamente aos nossos alunos. Quem diz formar alunos, diz formar o povo de Deus. Mas, este método é imprescindível para fazer boa teologia e para iniciar a uma autêntica espiritualidade cristã e mesmo a uma vivência litúrgica do mistério de Deus. E pode ser vivido em português, que dizer, nem necessita de um regresso ao latim que muitos desejam nos dias que correm.

Este segundo caminho é imprescindível para elaborar uma biografia espiritual do P. Américo e um perfil da santidade que viveu e das obras que realizou. Por onde começar então?

[Continua]

Jorge Cunha
4 de Outubro de 2025

DA NOSSA VIDA

Continuação da página 1

ser este menino?», perguntavam os vizinhos de Isabel, mãe de João Baptista.

De Jesus não surge tal questão, porque o que de mais importante é em Jesus está presente na Sua concepção e no momento do Seu nascimento, e também nos vários anos da Sua vida e na morte: Filho único de Deus.

O ser humano, de criança faz-se homem ou mulher e, em cada volta que o mundo dá, vai-se amadurecendo, para o bem ou para o mal. A liberdade com que é dotado permite-lhe determinar-se. Em Américo Monteiro de Aguiar demorou a chegar o momento crucial em determinar a sua vida, foi ao chegar aos 38 anos de idade, quando ingressou no Seminário Maior de Coimbra. Os pretéritos anos não foram «anos perdidos», como disse, expressão que talvez tenha usado para marcar a diferença de qualidade entre o antes e o depois, pois foram um substracto muito importante para os seguintes.

É assim que a história de Pai Américo não termina com o seu falecimento, mas continua fora do tempo, para que nós que ainda estamos nele percebamos melhor e possamos beneficiar com a proclamação da sua presumível beatificação e canonização. Temos esperança que estejam perto esses momentos, esperados por muitos que o admiram na sua vida de Padre e de Pai dos Pobres, e de espelho que reflecte a bondade de Deus e a Sua preferência pelos pequeninos.

Manuel Pinto

FOI um, da primeira fornada, dos rapazes que responderam à chamada do Pai Américo para se entregarem ao serviço de um sector da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no seu caso no escritório da oficina da tipografia apoiando em vários serviços.

Foram longos anos neste serviço à Obra da Rua. Enquanto a saúde lhe permitiu vinha nos últimos anos de actividade, ainda que fosse metade do dia, ocupar o seu lugar em colaboração com os mais novos, fazendo-o com a sua boa disposição habitual.

O Manuel Pinto foi agora chamado a um novo lugar, que ele aspirou ocupar no decorrer da sua vida terrena, um entre muitos lugares que Deus tem preparado para os Seus filhos. Um inter-



cessor, por ele e por todos os membros da Obra da Rua e de seus Amigos, na vida terrena e na vida de Deus, encontrou renovada resposta ao desejo de ter todos os seus filhos no Céu — Pai Américo.

Foi em dia litúrgico da Virgem Santa Maria do Rosário que teve a graça de Deus o chamar; era dia dedicado à Mãe do Céu que Manuel Pinto tinha presente no seu dia-a-dia.

Padre Júlio

MALANJE

Continuação da página 1

va a tratar parecia dar lugar ao sofrimento estampado naqueles rostos. Amanhã levaremos alguns sacos de arroz, peixe e azeite, para que pelo menos possam comer durante alguns dias.

Como dizia o Padre Américo: “Para que os pobres sejam menos pobres, é necessário que os ricos sejam menos ricos. Não vim para dar, mas para repartir.”

Padre Rafael